

Tensão na cadeia láctea argentina: aumentam custos, produção no pico e demanda fraca...

Tudo leva a crer que a crise histórica do setor lácteo já começou, e várias indústrias queijeiras anunciaram redução do preço do leite. E, ainda pior, muitas estão deixando de receber o leite.

Os rumores são cada vez maiores e fervilham nos grupos de whatsapp e nos cafés. Especialmente quando se forma uma tempestade perfeita: aumento dos custos de produção (subiu preços da soja, milho, farelos e combustíveis), pico de produção superior ao previsto (quase 10% frente aos 6% projetados), notável debilidade da demanda e queda do consumo (em Córdoba o consumo de alimentos caiu 8,5%), conseqüentemente as câmaras frigoríficas estão cheias e leilões de queijos são cada vez mais comuns.

Este quadro faz com que as plantas de secagem estejam com alta demanda (mesmo que os preços do leite em pó e da muçarela para exportação estejam bons, eles começam a cair e a capacidade de secagem está no limite), as pequenas e médias empresas estão aguardando na fila para secar. Esta situação não deverá ser modificada nos próximos meses, ou pelo menos até que o calor se intensifique e faça a produção cair substancialmente. A pergunta que não quer calar: o que acontecerá com o preço do produtor em outubro de 2025? ... a indústria já sinaliza:

“O problema não é o preço: o consumo está completamente estagnado”.

A situação da indústria ficou registrada em uma circular da Lácteos Puyehué, uma Pyme queijeira muito bem administrada, com razoável incorporação de tecnologia, que produz quase todas as linhas de queijos para o mercado interno. Sua planta está em Ballesteros Sud e a sede administrativa em Villa Nueva. Dias atrás enviou uma carta a cada um de seus produtores:

“Queremos compartilhar com vocês a situação preocupante e real da indústria queijeira, tanto comercial como operacional, geral e particular, que afeta a todos de forma direta.

A situação é extremamente complexa. Há tempo, a indústria vem vendendo somente 40% do que produz, e atualmente não existe mais disponibilidade nas câmaras frias para guardar mercadorias. Em nosso caso, temos produto armazenado em múltiplos locais (Villa María, Buenos Aires, Valle de Neuquén e câmaras locais), fora a nossa capacidade própria. E hoje não existe lugar para guardar um queijo a mais.

O problema não é de preço: o consumo está completamente estagnado. Mesmo que se baixe o preço, não se vende o produto, porque o consumidor final não tem poder de compra. A maioria das pessoas recebe o salário, paga o cartão de crédito, impostos e serviços e com o que sobra, não consegue cobrir o básico. Essa é a realidade nua e crua.

Frente a isto, antecipamos que é muito provável queda significativa no preço do leite de outubro. Não é possível ainda definir o percentual exato, mas o preço que vínhamos pagando está muito acima da capacidade real do negócio. Muitas indústrias já tomaram suas decisões: algumas baixaram os preços, outras não recebem mais leite. Em nosso caso, ainda não o fizemos, mas a situação é insustentável e exige medidas urgentes. Vamos continuar no mercado enquanto for possível.

Queremos comunicar isto com antecipação e transparência, para que cada produtor possa prever como se organizar, sabendo que o faturamento não será o mesmo.

Lamentavelmente, não se espera uma recuperação no curto e nem no médio prazo. Ainda assim, continuaremos trabalhando com responsabilidade e compromisso para enfrentar esse momento delicado”.

[Acesse aqui a matéria na íntegra](#)

Fonte: TodoLecheria – Tradução livre: www.terraviva.com.br